

**A MATERIALIDADE DO BRINQUEDO E A EXPROPRIAÇÃO
CAPITALISTA DOS ESPAÇOS PARA BRINCAR**

**THE MATERIALITY OF THE TOY AND THE CAPITALIST
EXPROPRIATION OF SPACES TO PLAY**

Luciana Azevedo Rodrigues¹

Márcio Norberto Farias²

Recebido: 08/2019

Aprovado: 11/2019

Resumo: Este ensaio propõe uma discussão sobre a materialidade dos brinquedos que ocupam os espaços físicos e sociais ainda existentes e destinados ao brincar das crianças em uma cidade do interior de um Estado brasileiro. Acompanhada pelo entendimento de Walter Benjamin de que o brinquedo condensa em sua materialidade um diálogo silencioso entre adultos e crianças, o ensaio problematiza a ocupação de espaços livres para o brincar por brinquedos enormes e infláveis, elásticos e temporários oferecidos às crianças. A partir desta problematização, identifica a ausência de parques infantis permanentes nesta mesma cidade e discute tal ausência a partir das reflexões marxianas acerca da dissociação que inaugura e reinaugura constantemente o capitalismo: a dissociação do produtor e de seus meios de produção. Conclui que a expropriação do espaço do brincar e a forma intermitente e inflada dos brinquedos oferecidos para criança são expressões de um processo que desde muito cedo educa as crianças para, de um lado, não se apegarem a determinados meios de produção e, de outro lado, se entregarem ao espaço virtual sem maiores resistências ao movimento que conduz a permanência do capital.

Palavras-chave: brinquedos; expropriação capitalista; espaços para brincar.

Abstract: This essay proposes a discussion about the materiality of toys which occupy the physical and social spaces still existing and destined to play the of children in a city of the countryside of a Brazilian State. Accompanied by Walter Benjamin's understanding of which the toy condenses in its materiality a silent dialogue between adults and children, the essay problematizes the occupation of free spaces to play with for enormous and inflatable toys and temporary benefits offered to children. From this problematization, it identifies to the absence of permanent infantile parks in this same city and argues such absence from the marxist reflections concerning the dissociação that inaugurates and reinaugura constantly the capitalism: the decoupling of the producer and its means of production. It concludes that the expropriation of the space of playing and the intermittent and inflated shape of the toys offered for children are expressions of a process that educates children very early, of a side, they not attaching it the definitive means of production and, of another side, if delivering to the virtual space without greater resistance to the movement that leads the permanence of capital.

Keywords: toys; capitalist expropriation; spaces to play.

¹ Professora Associada na Universidade Federal de Lavras. Doutora em Educação pela UFSCar, com Pós-Doutorado em Filosofia da Educação pela Universität Leipzig (Alemanha). E-mail: luazevedo@ded.ufla.br

² Professor Associado na Universidade Federal de Lavras. Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista, Campus Araraquara, com Pós-Doutorado em Filosofia pela Universität Leipzig. E-mail: marxio@gmail.com

Introdução

“[...] der Gedanke, der den Wunsch, seinen Vater, totet, wird von der Rache der Dummheit ereilt”.

“[...] o pensamento que mata o desejo, seu pai, é surpreendido pela vingança da burrice”.

(Adorno, *Minima Moralia*).

Este ensaio propõe-se a discutir a materialidade dos brinquedos que ocupam os espaços físicos e sociais ainda existentes e destinados ao brincar das crianças em uma cidade do interior de um Estado brasileiro. Tal proposição encontra-se intimamente relacionada com a preocupação de Adorno expressa na epígrafe que abre este ensaio. Pois, compreende-se que tal como o pensamento que assassina o desejo, também a seriedade que mata o brincar, se vê surpreendida pela burrice. Noutras palavras, o alerta de Adorno é tomado como ainda mais importante no contexto político brasileiro de extremismos e de desinformação confundida com seriedade. É devido a esta perspectiva, que o artigo pretende-se ensaístico reunindo tanto conceitos filosóficos quanto observações do cotidiano para observar e refletir criticamente o que tem sido feito com o lúdico, com o brinquedo e com os espaços físicos e sociais do brincar.

Ao discutir a materialidade do brinquedo, o texto acompanha as reflexões de Walter Benjamin sobre ela, especialmente sua compreensão de que por meio do brinquedo pode-se compreender como o adulto tem se confrontado com a criança.

Assim, é como confrontação do adulto com a criança que o brinquedo instalado todos os domingos na praça central de uma cidade do interior de um Estado brasileiro é observado e problematizado neste ensaio à luz do pensamento de Marx (1994) sobre a “Chamada acumulação primitiva” e de W. Benjamin (1994) “Sobre o brinquedo e a brincadeira”. É a partir da leitura destes pensadores que se questiona como o mundo adulto tem confrontado a criança quando oferece a elas recorrentes instalações provisórias de brinquedos infláveis gigantes.

Assim, um aspecto inicial a se observar é que os brinquedos abordados neste texto existem apenas aos domingos e, além disso, podem ser usados apenas se forem pagos. Durante a semana, o lugar que os recebe, a rua anexa à praça central da cidade, é ocupado por automóveis e passantes de todas as idades. Estes brinquedos que podem ser montados rapidamente são escorregadores gigantes, piscinas de bolinha e, sobretudo, pula-pulas, inflados e desinflados todos os domingos há no mínimo 13 anos.

A dimensão dos brinquedos, especialmente em comparação com o espaço onde são montados e, principalmente, em comparação com as crianças parece ocupar todo o espaço dos movimentos brincantes evocando a atualidade das observações feitas por Benjamin sobre as

mudanças que o avanço da industrialização produziram sobre os brinquedos. Por isso, primeiramente, o ensaio se detém sobre as reflexões benjaminianas em torno dos brinquedos e da brincadeira; em seguida descreve o contexto do brinquedo a ser problematizado atendo-se especialmente a materialidade deste para, posteriormente, refleti-la a luz do pensamento marxiano.

O formato dos brinquedos e as relações entre crianças e adultos

Benjamin (1994), num texto de 1928, observa que a época em que o formato dos brinquedos e dos livros aumentou foi a mesma na qual eles foram pouco a pouco deixando de ser alvos da atenção comum de mães e filhos. Com isso, junto com os brinquedos pequenos, as dimensões da discrição e do sonho relacionadas ao que é minúsculo, passaram a ser considerados cada vez menos afirmadas. Ou seja, a mesma época que permitiu a criança acessar o próprio brinquedo e o livro, não permitiu que ela continuasse dispondo da presença da mãe junto dele. Nas próprias palavras do berlinense, lê-se:

Não seria nessa época que a criança ganha um quarto de brinquedos especial, um armário especial, em que pode guardar seus livros separadamente dos que pertencem aos pais? [...] os velhos livros *em seu pequeno formato* exigiam de modo muito mais íntimo *a presença da mãe*, ao passo que os modernos livros *in quarto*, com sua ternura vaga e insípida, parecem ter como função manifestar seu desprezo pela ausência materna (Benjamin, 1994, p. 246).

Benjamin (1994) interpreta este distanciamento entre as coisas dos pais e das crianças como o início da emancipação do brinquedo, produzida com a industrialização. Para ele, a emancipação industrial do brinquedo fez com que este se tornasse cada vez mais “[...] esquivo ao controle da família, [...] estranho não só às crianças, como também aos pais” (1994, p. 246).

De lá para cá, pode-se ver como Benjamin percebeu a tendência histórica do brinquedo e da relação estranhada que ele assumiria, pois se torna possível hoje encontrar um duplo movimento que contribui para produzir o mesmo efeito: a ocupação física e virtual do espaço pelo brinquedo em vez da interação corporal e imaginária com o mundo natural e social do brincar. Com tal ocupação, o que se destaca é, de um lado excesso de brinquedos, de estimulações audiovisuais constantes como denominou C. Türcke (2010) em seu livro *Sociedade Excitada* ou, então, o excesso de tamanho dos brinquedos que, em vez de minúsculos, crescem tanto que suprimem os espaços de movimento corporal das crianças no chão e com

outros que poderiam conduzi-la na perda e percepção de si mesmas.

O chão se torna apenas a base para instalação dos brinquedos e as crianças são privadas de todo o contato com ele, assim como de seus próprios corpos.

Inflados ou montados os brinquedos se elevam diante dela, como num passe de mágica. E, mesmo quando os brinquedos são menores, eles ou são em muita quantidade ou desferem sobre as crianças muitos estímulos físicos ou virtuais. Ou seja, por todos os lados a criança precisa estar contornada e seus movimentos apenas deve seguir aquilo que modelam seu corpo.

Em 1928, Benjamin (1994) escreveu uma resenha chamada Brinquedo e brincadeira: observações sobre uma obra monumental. Esta obra intitulada *Kinderspielzeug aus alter Zeit. Eine Geschichte des Spielzeugs*, escrita por Karl Gröber, é inicialmente elogiada por Benjamin devido a grande quantidade de ilustrações de brinquedos minúsculos. Se de um lado, fica claro que o elogio de Benjamin pelo livro de Gröber vem do encanto que sente pela dimensão minúscula, discreta e sonhadora do brinquedo reproduzida em várias páginas daquele, de outro lado, o próprio Benjamin afirma que as imagens dos brinquedos em dimensões liliputianas, reproduzidas no livro, permitem fixar mais claramente a ideia de que a percepção da criança assim como as suas brincadeiras não advém de um puro mundo da fantasia infantil mas estão marcadas pelos traços da geração que a antecedeu.

Diz Benjamin “O mundo perceptivo da criança está *marcado* pelos *traços da geração anterior* e se *confronta* com eles; o *mesmo* ocorre com suas *brincadeiras*. É impossível situá-las num mundo de fantasia, na terra feérica da *infância pura* ou da *arte pura*” (Benjamin, 1994, p. 250, grifos nossos).

Neste momento, o livro *Brinquedos infantis dos velhos tempos: uma história do brinquedo* é enfatizado por Benjamin justamente porque explicita o caráter histórico e social do brinquedo, assim como manifesta o equívoco de considerar o brinquedo fruto da pura fantasia da criança, pois nas palavras de Benjamin “Mesmo quando não imita os utensílios dos adultos, o brinquedo é uma confrontação - não tanto da criança com o adulto, mas deste com a criança” (1994, p. 250).

Um confronto que se trava desde tempos remotos, como pode-se ver quando Benjamin diz:

É uma tolice a tentativa [...] de explicar o chocalho de recém-nascido com a afirmação de que "via de regra a audição é o primeiro sentido a ser exercitado". Pois desde os tempos mais remotos, o chocalho é um instrumento para afastar os maus espíritos, que deve ser dado justamente aos recém nascidos (Benjamin, 1994, p. 250).

Se Benjamin estiver correto de que o chocalho dado a criança era fruto de um tempo em que os adultos acreditavam em seu poder de afastar os maus espíritos, o que pode ser dito dos enormes brinquedos oferecidos às crianças que preenchem a menor rua ao lado da praça central da cidade nos domingos? Há algum poder creditado a estes brinquedos e que podem ser refletidos a partir de suas materialidades?

Para elaborar uma melhor compreensão em torno de tais questionamentos, este ensaio se aproxima um pouco das características dos mesmos bem como dos espaços onde são instalados.

Dos brinquedos inflados à inexistência dos brinquedos permanentes

A praça ao lado da qual os brinquedos são rapidamente montados, é um dos lugares da cidade mais visitado aos domingos. Cheia de plantas e árvores centenárias, ela acompanhou a história de consolidação da cidade. Dentro dela, entretanto, não se vê espaços ocupados por brinquedos infantis fixos, tais como gangorras e balanços, assim como não se vê rastros que indiquem que um dia ali estiveram. Por outro lado, há pelo menos 13 anos, os brinquedos infláveis são recorrentemente montados e desmontados na rua anexa mais curta, a qual por estar ao lado de uma outra rua paralela revela não ser o trânsito o empecilho para a construção de um parquinho infantil permanente para as crianças, mas reitera que ali o espaço só consegue receber brinquedos especialmente altos, leves, transportáveis, pagáveis, e sobretudo que possuem formatos que facilitam o controle dos corpos das crianças.

A materialidade dos brinquedos observados é composta lona, borracha e muito plástico. Entre eles, corredores que tão somente conduzem de um brinquedo a outro, forrados por lona sobre o asfalto. A rua de mais ou menos 30 a 40 metros recebe 5 escorregadores gigantes, 2 menores e 9 pula pula. Sendo que parte destes brinquedos são sombreados por árvores centenárias enquanto a outra parte por uma grande lona azul.

Se de um lado, pode-se observar que as crianças se jogam e buscam imergir no escorrega ou numa piscina de bolinhas, dando mostras ainda da força do comportamento mimético, de outro lado, os materiais infláveis, elásticos, ou as empurram de volta para a superfície ou não proporcionam superfícies tão deslizáveis assim. O que não impede as crianças, contudo, de transformar os gigantes escorregadores em, por exemplo, uma montanha a ser escalada.

Apesar de ainda ser possível visualizar manifestações do comportamento mimético das

crianças, a delimitação oferecida pelos próprios brinquedos aos movimentos corporais das crianças para os lados conduz e estimula para uma única direção: a verticalidade. No mesmo lugar, elas buscam atingir alturas cada vez maiores. E mesmo com toda ela, pode se observar que não raro, as crianças impedidas de deitar, rolar no chão, correr, pular para frente, para trás, em vez de simplesmente escorregar sentadas, preferem fazê-lo de cabeça para baixo.

Não à toa, o salto para cima aparece como o movimento mais praticado e também o mais ajustado quando se considera a pressão social de auto-afirmação do eu, em que a criança desde muito cedo vê se submetida. Se de um lado as formas dos brinquedos tendem a afastar ideias relativas à dependência, à perda de si, à precariedade, à pequenez, parecem reforçar a todo custo, de outro lado, ideias relativas à grandeza, à força e à auto-afirmação de si mesmo, se opondo à recordação do ser humano como natureza. Em vez de proporcionar um lugar para a experiência do anseio pela recordação da natureza no ser humano, o brinquedo reduz o espaço a um vazio ocupado pelos brinquedos gigantes, que com seu conteúdo imaginário buscam determinar a brincadeira da criança, em vez de possibilitar o inverso, ou seja, que a brincadeira da criança determine o conteúdo do brinquedo.

Em relação a esta determinação Benjamin também se posiciona. Diz ele: “[...] quanto mais atraentes (no sentido corrente) forem os brinquedos, mais distantes estarão de seu valor como ‘instrumentos’ do brincar, quanto ilimitadamente a imitação anuncia-se neles, tanto mais desviam-se da brincadeira viva” (Benjamin, 1984, p. 70).

Mas além de controlarem o movimento das crianças por suas próprias formas, a maioria dos brinquedos infláveis devido ao perigo da altura, possuem bordas altas ou telas que cercam toda a extremidade dos mesmos, oferecendo segurança e ao mesmo tempo garantindo o modo adequado do brincar. Afinal, para evitar acidentes em brinquedos tão altos, ou que produzem movimentos tão altos é preciso inclusive manter por perto pessoas que geralmente auxiliam para o funcionamento regular do brinquedo e do modo de usá-lo.

Cercadas pelos brinquedos de formas amplas, inflados e desinflados todo domingo, as crianças, que apesar de tudo ainda brincam, nos levaram ao questionamento sobre quais outros lugares públicos elas dispõem de brinquedos uma vez que a cidade de cerca de 100.000 habitantes e de um território de 566 km² nem sequer oferece na sua praça central um parquinho oferecido gratuitamente à população. Uma praça de bairro, que ainda oferecia um parquinho às crianças numa grande estrutura de madeira em seu centro, viu-o derrubado há pelo menos uns 8 anos atrás. Nem mesmo a universidade pública que existe na cidade oferece um único parquinho aos seus visitantes. Ao que tudo indica, a falta de brinquedos instalados

permanentemente em espaços ao ar livre pela cidade apesar de ser gritante, de denunciar a falta de espaços verdes para o brincar, não tem sido devidamente percebido. Isso nos leva a questionar se os parquinhos foram esquecidos pela população ou se estamos diante de uma tendência social que busca privatizar ainda mais o brincar?

Diante do questionamento, os autores deste ensaio levantaram a hipótese de que esta situação poderia ser considerada uma forma silenciada de inibição desde muito cedo nas crianças, em que as experiências contínuas e duradouras estão perdendo um lugar especial na constituição infantil, com parquinhos em locais determinados, fixados num espaço de terra, num município com um território tão extenso. Afinal, será que os espaços verdes ainda existentes na cidade se apresentariam aptos para a circulação de pessoas e não somente o deter-se temporário em um de seus bancos? Haveria relação entre a expropriação discutida por Marx e a inexistência de espaços físicos para o desfrute do movimento corporal, para a relação com a terra, com a areia, com o sol, com as árvores e os corpos naturais de outros seres vivos? Haveria aí uma espécie de expropriação da criança das condições que permitem com que ela se veja parte tanto da natureza quanto da natureza convertida em cultura?

Tais questões foram revelando um verdadeiro conflito na cabeça dos autores deste ensaio, sobretudo depois de terem vivenciado momentos de ludicidade junto a inúmeros parquinhos com brinquedos infantis variados, geralmente presentes nos parques das cidades na Alemanha, pois isso pode evidenciar um problema silencioso que afeta a questão da infância na constituição das cidades brasileiras.

Afinal, proporcionar brinquedos de materiais duráveis, em espaços físicos abertos, sombreados e favoráveis para os movimentos corporais se mostra como um modo de promover o contato repetido com a terra, o cultivo com o lugar em torno de tais brinquedos, com os outros que o habitam, ou melhor, propiciar condições para que as crianças se apeguem a ela e não admitam ser dela privadas no futuro.

Crianças desapropriadas dos brinquedos coletivos e das condições do brincar

Foi com a percepção da inexistência desses espaços que se destacou também a situação em que as crianças, em vez de experimentar o movimento de seus corpos e os de outros seres em espaços ao ar livre, são enredadas pelo espaço virtual e direcionadas a um tipo de consumo empobrecido da noção de infância, atualizando em certa medida a relação com o mundo mediada pela lógica da troca discutida por Karl Marx no capítulo 24 de seu livro *O capital*

intitulado “A chamada acumulação primitiva”.

Neste texto, Marx expôs cuidadosamente as circunstâncias que despojaram os trabalhadores de quaisquer outros meios de produção e os obrigaram a vender sua força de trabalho aos proprietários de dinheiro. Isto quer dizer que apenas depois de serem completamente desapropriados de meios para produzirem por si mesmos, os produtores se renderam ao imperativo de vender a sua força de trabalho, viabilizando a produção de capital dependente da relação entre dinheiro e mercadoria. Produção, que nas palavras do próprio Marx (1994, p. 830), “[...] pressupõe a *dissociação* entre os trabalhadores e a propriedade dos meios pelos quais realizam o trabalho”. Uma dissociação que só se constituiu pela “[...] conquista, pela escravização, pela rapina e pelo assassinato, em suma, pela violência” (Ibid., p. 829).

Nestes termos, Marx torna explícito como a dissociação que impede o produtor de criar, de fazer com outros e, por isso, de se produzir como autor e coautor apenas foi efetivada depois que o produtor teve roubado de si todos os seus meios de produção. Ao afirmar que a exploração capitalista foi “aceita” apenas quando a servidão já havia sido abolida há muito tempo, Marx permite deduzir como seres humanos resistiram às forças que produziram a referida dissociação, assim como instiga a pensar sobre as formas atuais e aperfeiçoadas da referida dissociação e expropriação.

É com a perspectiva de Marx de que a expropriação dos camponeses na Inglaterra não passa de um exemplo de algo que “[...] assume coloridos diversos nos diferentes países, percorre várias fases em sequência diversa e em épocas históricas diferentes” (Marx, 1994, p. 831) que este ensaio se dedica a olhar as tonalidades da referida dissociação no contexto da infância e na expropriação cada vez mais precoce do espaço físico para o brincar, ocupado ou por brinquedos imensos ou por uma imensidão de brinquedos, sejam eles físicos ou virtuais que de um modo ou de outro retira das crianças os meios para criar, para fazer com o espaço, com as coisas, com os outros e se perceber como criadora.

Não se trata de cercamento de terras comuns para o cultivo mas também do cercamento do brincar, de como ele inevitavelmente também implica restrição dos espaços e tempos comuns para relação entre crianças, delas com adultos, com o espaço circundante, com o tempo, com outros seres vivos e inanimados. Afinal, em terras tão vastas como as brasileiros se torna ainda mais difícil "aceitar" não ter onde viver sem meios de subsistência.

No texto de Marx pode-se ler que a expropriação dos camponeses das terras onde cultivavam, dos seus meios de subsistência e de trabalho além de tornar tais meios parte do capital produziu para o capitalista, o proprietário das terras e dos meios, um mercado interno.

Nas palavras dele, “antes, a família camponesa produzia e elaborava os **meios de subsistência e matérias primas**, que eram, na sua maior parte, consumidos por ela mesma. Esses meios de *subsistência e matérias-primas* transforma-se agora em mercadorias” (Marx, 1994, p. 865).

Um processo, no qual, se reproduz a expropriação e a expulsão das crianças da experiência do movimento corporal junto a outros, sejam estas pessoas, animais ou objetos, meio de subsistência para que se torne criadora daquilo que consome e não tão somente mais uma consumidora.

Assim, é que retomamos mais uma vez as reflexões de Benjamin sobre o brinquedo, pois se o mundo perceptivo da criança está marcado pelos traços da geração anterior, se esta geração se confronta com a percepção da criança e com suas brincadeiras é possível dizer que os grandes brinquedos instalados na praça aos domingos talvez sejam expressão de aspectos requeridos cada vez mais pelo mercado de trabalho capitalista e que diz respeito a naturalização de relações sociais cada vez mais descontínuas e pontuais como também a valorização do trabalhador flexível e da busca em atingir alturas cada vez mais elevadas de produção mesmo que seja para simplesmente não sair do lugar em que se encontra: um sem lugar.

Grandes brinquedos desprestigiam o brincar

Se o brincar não provém de um mundo puro e mágico, próprio da criança, mas decorre do confronto do mundo adulto com a mesma, poderíamos afirmar que as características dos brinquedos destacados neste texto revelam o modo como o mundo adulto se coloca diante da criança contemporânea.

Em tal confronto, o brinquedo que ocupa o espaço no qual a criança poderia brincar, leva-a a simplesmente seguir um traçado oferecido pelas suas formas. Inibida a experimentar espaços livres pelo próprio brinquedo, a criança é desprestigiada na sua inabilidade, na sua desorientação em oposição à “segurança” do adulto do outro. Uma incapacidade que, de acordo com Gagnebin é considerada por Benjamin preciosa. Em suas palavras,

[...] não porque ela nos permite lançar um olhar retrospectivo comovido e cheio de benevolência sobre os coitadinhos que fomos, ou que nos cercam hoje. Mas porque contém a experiência preciosa e essencial ao homem do seu desajustamento em relação ao mundo, da sua insegurança primeira, enfim, da sua não-soberania. Essa fraqueza infantil também aponta para verdades que os adultos não querem mais ouvir: verdade política da presença constante dos pequenos e dos humilhados que a criança percebe, simplesmente, porque ela mesma, sendo pequena, tem outro campo de percepção; ela vê aquilo que o

adulto não vê mais, os pobres que moram nos porões cujas janelas beiram a calçada, ou as figuras menores na base das estátuas erigidas para os vencedores (Gagnebin, 1997, p. 182).

Daí os brinquedos altos que afastam a criança do chão, assim como a inexistência de brinquedos permanentes em espaços ao ar livre. Se considerarmos que para Adorno e Horkheimer, o perigo que ameaça a prática dominante e suas alternativas inevitáveis não é a natureza [...], mas sim o fato de recordar a natureza (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 237) podemos entender a importância da repressão do comportamento mimético, tão delicadamente apresentado por Benjamin no aforismo *Esconderijos*, de seu *Infância em Berlim* e, tão importante para o desenvolvimento daquela recordação que ameaça a prática dominante. Nela, diz Benjamin,

A criança que se posta atrás do reposteiro se transforma em algo flutuante e branco, num espectro. A mesa sob a qual se acocora é transformada no ídolo de madeira do templo, cujas colunas são as quatro pernas talhadas. E atrás de uma porta, a criança é a própria porta; é como se a tivesse vestido com um disfarce pesado e, como bruxo vai enfeitiçar a todos que entrarem desavisadamente” (Benjamin, 1995, p. 91).

Um encanto, uma magia transformava aquele que brincava e o objeto da brincadeira, não por se tratar de uma criança que brinca com algo, mas de uma criança e um outro que se tornam diferentes na brincadeira, e que antes dela não podiam ser. Algo vivo, com formas e expressões diferentes. Como se a materialidade do objeto/brinquedo absorvesse a materialidade humana e esta passasse a correr o risco de permanecer aprisionada naquela, como o próprio Benjamin assevera

Quem me descobrisse [no esconderijo] era capaz de me petrificar como um ídolo debaixo da mesa, de me urdir para sempre às cortinas como um fantasma, de me encantar por toda vida como uma pesada porta. Por isso expulsava com um grito forte o demônio que assim me transformava, quando me agarrava aquele que me estava procurando. Na verdade, não esperava sequer esse momento e vinha ao encontro dele com um grito de autolibertação (Benjamin, 1995, p. 91).

O risco de ser absorvido pela materialidade do objeto para sempre não é compreendido como algo que a impede, ao contrário, ela acontece como a prova daquele saboroso momento de ser outro. É nesse provar, que não ocorre sem risco, que a criança se forma e afirma sua identidade. É a partir da encarnação do outro, que alcança uma identidade capaz de reconhecer

sua semelhança com a natureza.

Este risco de perder-se em definitivo, esta perda temporária configura o comportamento mimético que hoje já não encontra em determinados brinquedo um forte aliado.

Considerações finais

Ao propor uma discussão desta natureza, este ensaio pretendeu chamar a atenção para as potencialidades formativas do reconhecimento do simples existir dos espaços físicos e da materialidade durável dos brinquedos que os ocupam. O que se buscou argumentar é que a concretude que os constituem é fundamental para o cultivo de relações sociais potencialmente capazes de mobilizar nas pessoas afetos resistentes à lógica do consumo e da descartabilidade das coisas. Nesses termos, o ensaio desconfia que é preciso articular as discussões sobre a permanência das crianças diante das telas eletrônicas, com a expropriação de espaços físicos e sociais do brincar.

Pois se hoje as crianças têm ficado cada vez mais cedo diante do *continuum* choque de imagens audiovisuais e manifestado a dispersão da atenção daí decorrente, tal como explica Türcke (2010) em seu livro *Sociedade Excitada*, é preciso também reconhecer como num país espaçoso e ensolarado como o Brasil, elas também têm sido privadas de experimentar ambientes verdes ao ar livre que contenham brinquedos permanentes.

Isso porque, como se pode acenar cada vez menos as crianças, mesmo em cidades de economia predominantemente agropecuária, podem pisar na terra, experimentá-la, sentir seu cheiro, cultivá-la e nesse cultivo por ela se relacionar com outras crianças e adultos, desenvolver afetos, enterrar-se e desenterrar-se, rolar, pular, sentar sobre e com ela, tomando-a como brinquedo, pertencendo-a como brinquedo e com isso sentindo-se dela pertencente.

E quando uma cidade de quase 100.000 habitantes não propicia espaços físicos destinados ao brincar às suas crianças ela também confronta a elas no lugar daqueles espaços, telas eletrônicas, espaços virtuais. Nesse sentido, em vez de afirmações que apenas elogiam a facilidade com que as crianças usam as telas como se os novos brinquedos mediados pela tela eletrônica fossem expressão das necessidades da criança, se seguirmos as pistas de Walter Benjamin, teremos que assumir que tais brinquedos foram antes impostos a elas pelas gerações que as antecederam, isto é, pelo *status quo*.

Ao refletir sobre tais questões, este ensaio compreende o texto de Marx não apenas como central para entender o processo de expropriação das terras cultivadas pelos camponeses na Inglaterra ao longo dos séculos XIV e XVII, a expulsão violenta das terras, representada

ainda hoje em lutas como as das comunidades indígenas, sem terras e sem-teto no Brasil e outras formas de resistência explícitas ao saqueamento do capital, mas, pondera ser igualmente importante pensar formas atuais silenciosas de expropriação inclusive contra crianças brasileiras.

Neste sentido, entre as considerações finais deste ensaio se destaca a ideia de que o *espaço físico da brincadeira* é potencialmente um espaço social que ao ser habitado poderia levar as crianças brasileiras a experimentar nos dias atuais a experiência ancestral de sentir pertencimento de si com o pertencimento de outro num País de tanta terra fértil e ao mesmo tempo cada vez mais subordinada a concentração e exploração que apenas intensificam a já gigantesca desigualdade econômica. É preciso assim, refletir que é neste contexto onde o brinquedo aumenta o seu tamanho, não para de ser inflado e desinflado, montado e desmontado para as crianças, assim como não para de ser automatizado, que também se inibe experiências capazes de promover a legítima resistência contra aquela *desapropriação da terra de que falava Marx junto aos camponeses ingleses*.

Referências

ADORNO, T. W. **Minima Moralia**: reflexionen aus dem beschädigten Leben. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2016.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BENJAMIN, W. **Reflexões**: a criança, o brinquedo, a educação. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.

_____. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas, Vol. 1. 5 ed. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Rua de mão única**. Obras escolhidas, Vol. 2. 5 ed. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1995.

GAGNEBIN, J. M. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. Livro 1, Vol. II. 14a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

TÜRCKE, C. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas: Ed. Unicamp, 2010.